

11/04/2019

## Una lluvia en Sierra Maestra

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade].

Abrid los ojos pueblos ofendidos,  
en todas partes hay Sierra Maestra.  
(Pablo Neruda)

Depois de duas experiências de viagem a Cuba, a primeira em 2015 e a segunda em 2018, entre os dias 21 e 30 de março de 2019 realizei a terceira viagem à Ilha revolucionária.

Dessa vez, com o objetivo de conhecer melhor as paisagens e manifestações culturais do país, tive a oportunidade de passar por distintas regiões e cidades cubanas, desde Havana, Santiago de Cuba, Bayamo e Holguin, além de participar por 3 dias do Congresso Cubano de Desenvolvimento Local, da Universidade de Granma, em Bayamo. Ademais, em um dos dias da viagem, junto a mais cinco amigos e amigas brasileiros, caminhamos nas altitudes de *Sierra Maestra*. Motivados por um trabalho de campo nos deslocamos da cidade de Bayamo à Comunidade de Santo Domingo, uma localidade nas mediações da *Comandancia de la Plata*, onde Che Guevara, Fidel Castro e outros montaram a base da resistência guerrilheira.

Chegamos em Santo Domingo no final da manhã e, após um lanche rápido e acompanhados pelo guia Luis Enrique, iniciamos a incursão geográfica entre os vales, passagens escorregadias por córregos e as alturas da *Sierra*. Estava consciente: na ilha cubana, quem tem apreço pela vida, não vê, não sente e não pensa sem amar. Ao adentrar as trilhas, entre áreas de vegetação densa ou nas proximidades de pequenas roças cultivadas por camponeses, nossos pés também avançavam na própria matéria do tempo diante dos relatos do Guia sobre a posição estratégica das montanhas, as batalhas, a covardia dos colaboradores do ditador Fulgêncio Batista, a irmandade de trabalhadores e a coragem dos guerrilheiros barbudos. Entre os vales ricos em água e de solos férteis, os camponeses ergueram casas, cultivam hortaliças nos quintais, criam animais domésticos e plantam milho, cafezais e bananeiras. No mesmo local, o governo construiu postos médicos e escolas. Assim, a população vive e trabalha de maneira comunitária e coletiva, distante da movimentada Havana.

No início da caminhada o céu cobria a *Sierra Maestra* com um azul límpido e sedutor. Nos horizontes alcançados por nossos olhares abria-se o luxuoso verde da vegetação frondosa. Poucas nuvens tocavam os picos das serras mais elevadas numa dança íntima com o vento.

Alguns pássaros voavam em coreografia enquanto outros cantarolavam escondidos nos galhos das árvores. O calor do sol tocava o corpo cansado de cada membro do grupo até que chegamos ao ponto almejado após cerca de seis quilômetros de trilhas. O banho em uma pequena cachoeira nos deixou prontos para a volta.

De súbito, o claro azul do céu se estampou de um escuro cinza. As nuvens densas e escuras vaticinaram o que foi inevitável: veio a chuva, uma grande chuva, uma bela chuva. A rota da caminhada prosseguia e não houve o que fazer. O Guia foi diligente: arrancou da mochila expedientes de plástico para guardar celulares, câmeras e passaportes. Debaixo da chuva ininterrupta por aproximadamente 20 minutos, continuamos a caminhada molhados, alegres e corajosos. Ao fim do trajeto, o sol retomou o brilho e o céu descerrou a cor azul outra vez.

A chuva em *Sierra Maestra*, um episódio repetido e experimentado por quem faz a caminhada naquelas circunstâncias, apresentou uma novidade: refletir a solidariedade como instância política. A paciência do Guia com o grupo somou-se ao cuidado e à observância dos passos entre as rochas molhadas enquanto caminhávamos juntos. A jornada era ao mesmo tempo inspiradora: sabíamos que nas lutas dos barbudos de *Sierra Maestra* as mãos estavam dadas. Na mirada dos sonhos dos revolucionários a luta era ideologicamente afirmada em nome do socialismo e de uma sociedade erigida no triunfo da solidariedade. Antes do êxito da Revolução Cubana em 1 de janeiro de 1959, as terras em *Sierra Maestra* pertenciam a latifundiários que lucravam com a exploração dos trabalhadores nos plantios de café e cacau. O domínio senhorial da terra alargava-se ao império da injustiça e expropriação de pobres mulheres e homens que decidiram enfrentar a estrutura exploratória à qual estavam submetidos e então apoiaram os revolucionários.

A solidariedade dos camponeses foi lembrada nos diários e discursos de Che Guevara e Fidel Castro. Também foi lembrada com a redistribuição das terras nas montanhas e a reforma agrária em todo o país, continua sendo festejada sessenta anos depois pelo povo cubano.

No momento em que o ódio, a ignorância, a fragmentação das resistências, o patrulhamento ideológico, o desemprego, o medo e o desprezo às diferenças proliferam no Brasil, urge refletir o sentido político da solidariedade.

Arrancá-la dos dicionários e fazê-la ação revolucionária entre as trabalhadoras e trabalhadores, nos sindicatos, movimentos sociais, universidades, bairros, ruas, praças e comunidades.

Transformá-la em luta contra as desigualdades sociais, contra as injustiças, o sofrimento e a miséria. Lançá-la no solo como se fosse uma semente fértil e frutífera, generosa como *una lluvia en Sierra Maestra*.

Sejamos essas águas valentes e amorosas. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*